Entrevista com John Gledson

Por Marcelo Mendes de Souza¹

Conversas de Burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares é o nome de uma antologia de crônicas brasileiras publicadas em Portugal em 2006, organizada e apresentada pelo crítico John Gledson. A antologia faz parte da coleção Curso Breve de Literatura Brasileira, uma coleção idealizada e organizada pelo crítico português Abel Barros Baptista junto à editora Cotovia, com o intuito de divulgar a literatura brasileira em seu país. Com importantes trabalhos sobre Machado, alguns sobre a crônica machadiana, como os capítulos 5, 6 e 7, em *Por um novo Machado de Assis* (2008), Gledson foi o nome escolhido para organizar esta antologia. Partindo então de suas próprias experiências, a primeira relacionada a Carlos Drummond de Andrade, na década de 1970, e a segunda voltada para o início de seu trabalho sobre Machado de Assis, na década de 1980, Gledson usou critérios mais ou menos pessoais, e essencialmente cronológicos para selecionar os textos presentes nesta antologia. Sem deixar de lado autores tidos como essenciais na literatura brasileira, como os próprio Machado e Drummond, e outros como Clarice Lispector e Lima Barreto, Gledson incluiu outros que lera por puro prazer, como Stanislaw Ponte Preta e Rubem Braga. O resultado é um retrato complexo e, por que não, divertido deste gênero “tão brasileiro”. Além desta antologia para o mercado português, há que se destacar *Crônicas escolhidas* (2012), uma seleção de 50 crônicas de Machado realizada por Gledson e lançada no Brasil pela Companhia das Letras-Penguin, com notas elucidativas e um guia das crônicas do autor—mais uma importante contribuição de Gledson para a fortuna crítica

¹ **Marcelo Mendes de Souza** (University of Auckland - University of Auckland, Faculty of Arts, School of European Languages and Literature, Comparative Literature Program.)

machadiana. Nesta entrevista que tive o prazer de realizar, Gledson fala um pouco mais sobre crônica como gênero, a antologia publicada em Portugal, seus desafios, e sobre as crônicas de Machado de Assis.

Perguntas e respostas

MS: Como o senhor entende a afirmação de que a crônica é um gênero tipicamente brasileiro?

JG: O quê que as pessoas dizem quando fazem essa afirmação? Porque não há dúvida que existem cronistas noutros países e noutras culturas – em inglês, chamam-se “columnists”, colunistas, porque mantêm uma coluna regular num jornal, em francês “chroniqueurs”, etc. E os há muito bons, é claro. Será um pouco por uma espécie de nacionalismo que se afirma (com frequência, aliás) que a crônica é tipicamente brasileira? Sou tentado a pensar que sim – o humor, a leveza, e sobretudo a espécie de intimidade que o cronista mantém com o seu leitor, vão de mãos dadas com essa “cordialidade” que, desde *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, supõe-se ser uma virtude (às vezes, um defeito) dos brasileiros.

Suspeito que a importância indiscutível do gênero no Brasil deve-se um pouco ao papel e à posição da literatura no país. O espaço que a literatura ocupa é, e tem sido, menor que na Europa ou nos Estados Unidos – por duas razões entre outras: o peso histórico do analfabetismo, e o grande papel das literaturas “importadas”. Esse reduzido espaço faz com que seja excepcional ganhar muito dinheiro, não digo com a poesia, mas com a ficção – as exceções contam-se nos dedos (de uma mão, talvez). Daí que muitos, e dos maiores (Machado, Drummond, Clarice...), escreveram crônicas ao longo de toda a sua vida literária, e estabeleceram essa intimidade (tensa, e variável) com o jornal e seus leitores.

MS: Qual seria o gênero que se aproximaria da crônica, em termos de estilo e talvez popularidade, por exemplo, na tradição inglesa?

JG: Como já disse, a crônica já existe, tal qual, em inglês. As há muito boas, embora talvez não se republiquem tanto quanto no Brasil, onde as antologias e coletâneas são mais comuns – é a impressão que tenho. Vou dar um exemplo: ultimamente comprei um volume de um autor australiano, que vive há muito tempo na Inglaterra, e que tem uma popularidade excepcional, em parte porque fazia crítica de televisão, na televisão, em maior parte porque é um gênio de humor de todos os tons, do sutil ao galhofeiro

– por sinal, também é bom poeta. Chama-se Clive James, e comprei recentemente uma coletânea dele, *Points of View*, para ler na cama e me entreter. Foram na origem falas radiofônicas, de dez minutos cada, mas lêem-se em formato de livro com o maior prazer. Ao lê-las, ocorreu-me de supetão: mas isto é Machado de Assis, na Inglaterra e no século XXI! Mesmo tamanho, mesma aderência (personalizada, por assim dizer) aos eventos da semana (de que o leitor, ouvinte no caso, se lembra, é claro), a mesma experiência de leitura, à espera de um toque de humor ou sarcasmo na próxima esquina, mesmo borboleteio meio fingido, mesma atitude liberal com toques de conservadorismo, sobretudo pelo respeito à tradição: “se sempre se fez assim, porque mexer?” Mesmo monarquismo até! James é a favor de manter essa instituição na Austrália. Fico a me perguntar – a crônica como gênero tem uma função semi-permanente, em todas as sociedades, à espera de um Machado de Assis, de um Carlos Drummond de Andrade, de um Clive James...?

MS: Conversa de burros: por que dar o nome à coletânea com o título de uma das crônicas de Machado? Esta crônica de Machado, na visão do senhor, está associada à denúncia das “contradições e crueldades do progresso” imposto à sociedade brasileira. Estas contradições estariam associadas ao gênero no Brasil?

JG: Na verdade, tivemos um problema para escolher o título, que não podia ser (podia ter sido, talvez...) “Dez cronistas brasileiros...”. Escolhemos esse (*Conversa de burros, banhos de mar*), em parte por ser mesmo aleatório, ao acaso, como é a própria crônica, o famoso colibri de uma das primeiras crônicas de Machado, que “salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e esponeja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas.” Não creio que houvesse uma intenção social na escolha desse título em particular, embora sem dúvida essa crônica seja uma áspera denúncia das injustiças da sociedade, em particular – implicitamente – para com os ex-escravos.

MS: A segunda parte do título, Banhos de Mar, remete a Clarice, a última cronista apresentada na coletânea. Estaria aí, já no título, a sugestão de uma breve história do gênero, que vai de Machado à Clarice?

JG: Na introdução à antologia, tentei uma breve história do gênero, relacionando-a aos estágios da história brasileira e da relação do escritor com a sociedade através do jornal. É uma tentativa despretensiosa: como até digo

na introdução, há sempre o risco da circularidade, da escolha das crônicas e o argumento se reforçarem mutuamente... Mas certamente, quem tivesse mais tempo, e mais experiência podia escrever uma boa história do gênero. *MS: Em sua seleção de crônicas, o senhor propõe uma ordem mais ou menos histórica, mas deixa de fora o início do gênero no Brasil, a história que precede Machado. Seria esse um gesto deliberado? O senhor consideraria, por exemplo, José de Alencar como um nome importante para a história do gênero no Brasil?*

JG: Tinha que limitar o número de autores e crônicas, e ao mesmo tempo dar uma seleção de cada um que permitisse uma visão parcial ao menos da sua variedade e da sua personalidade. Também, quanto mais se entra no passado, as crônicas se fazem cada vez mais difíceis de ler para o leitor contemporâneo, e mais se é estrangeiro, como é o caso desta antologia, publicada em Portugal. No fundo, não pretendia constituir uma história do gênero, mas uma amostra. Claro que Alencar, França Júnior, outros (e outros mais, ao longo da história literária do Brasil) são muito importantes – Alencar em particular, por ser um dos fundadores, mas, mesmo no caso de Machado, tive que escolher crônicas que não precisassem de notas para serem compreensíveis.

MS: O senhor também afirma que selecionou autores brasileiros “cuja importância ninguém questiona” – Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector. Estaria por trás desta escolha também a relevância destes autores em contextos culturais fora do Brasil?

JG: Não acho – se ninguém questiona a importância desses três autores, é que têm um apelo, uma individualidade, uma abrangência que é justamente a razão da sua relevância fora do Brasil (e não quis excluir outros autores, Graciliano e Guimarães Rosa sendo talvez os casos mais óbvios). O que não os faz menos brasileiros, é claro – não é o caso de “tanto mais universal, tanto menos brasileiro”. Mas evidentemente, sendo que a antologia visava os leitores portugueses, crônicas e cronistas que se revelassem muito presos a uma dada situação, a dadas referências locais, tive que excluir. Mas note bem que em muitos casos as próprias crônicas levam a explicação no seu bojo – o que é em certo sentido uma vantagem, porque aí, sem notar talvez, o leitor entende um pouco de Brasil, o que é sempre uma vantagem.

MS: No caso específico de Machado, e pensando mais uma vez na crônica como mediação entre “o escritor e seu público possível”, como conciliar esta comunicação entre o público possível e seu senso de ironia?

JG: É um problema complicado – como se sabe, a ironia machadiana tem muitas formas, sobretudo depois das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, onde desafia o leitor já no prefácio ao livro, dizendo que terá poucos leitores, etc. Daí em diante, e até antes, nos anos 1870, esse desafio é estrutural, por assim dizer – faz parte do seu jeito de escrever. Nas crônicas, chega talvez a um auge na série “Bons Dias!”, de 1888-89, em que a situação abertamente polida – “bons dias!, caro leitor” – encobre uma agressão que deve incitar o leitor a descobrir outra verdade debaixo da superfície. No fundo, essa situação deve-se à compreensão que Machado tinha do processo histórico, bem menos otimista que a dos seus leitores, ou de boa parte deles, em consequência da Abolição. Mas, obviamente, ele não quer que o leitor não entenda. Para dar um exemplo típico – quando o cronista se certifica que seu interlocutor não entende alemão antes de citar uma frase nessa língua, essa frase contém palavras – “konstitutionelle Monarchie”, “absolute Oligarchie” – que deixam o leitor adivinhar o sentido. Essa tensão, esse desafio, deve ter sido, no fundo, um dos prazeres que esperavam seus leitores

MS: Na introdução do livro há uma metáfora interessante: o senhor compara a crônica a um parasita em relação ao resto do jornal. Não seria essa relação o que determina o gênero como brasileiro, em outras palavras: a intraduzibilidade cultural deste gênero?

JG: Como já disse, no fundo não creio o gênero seja intraduzível – o que não são tão freqüentemente traduzíveis são as crônicas individuais. Mas é uma questão relativa. No caso de Portugal, por exemplo – já o fato de publicá-las noutro país culturalmente bastante distante do Brasil, apesar da língua comum, faz pensar em problemas de transferência, que existem sempre no trabalho de tradução para outras línguas, e em grau muito maior, sem dúvida. Quando disse que a crônica é parasita do jornal (pensando sobretudo em Machado, de fato), quis dizer que ele tirava os seus assuntos do jornal, ou dos jornais de fato, porque na época dele o jornal era o meio mais avançado de informação, a Internet desses dias, pode-se dizer. Já no séc. XX, com o surgimento do rádio e da televisão, essa relação muda (creio), e as crônicas mudam, deixando de depender tanto do jornal.

MS: Ainda pensando em tradução, o senhor vê a possibilidade de, por exemplo, traduzir uma seleta de crônicas de Machado para o inglês? Quais seriam os principais desafios? No caso de ficção de Machado, certa especificidade

cultural não poderia ser também apontada como o principal problema em relação a tradução de seu trabalho para o inglês?

JG: Acho que seria muito difícil fazer essa seleta – também, traduzir Clive James ao português seria uma façanha, porque a graça das “crônicas” dele depende muito do entorno imediato, fundamentalmente, o noticiário local e universal. Mesma coisa com Machado; há certas crônicas que sobrevoam esses limites – a crônica de Abílio, por exemplo, ou “O punhal de Martinha” (como traduzir para o inglês a frase da heroína, “Eu lhe furo”?!). Com relação à ficção, diria que a especificidade é um dos problemas; não arriscaria dizer que é o *principal* problema, o que tende à conclusão de que o Brasil é intraduzível. O que sim é verdade é que o tradutor de Machado tem que saber um pouco da cultura e da sociedade locais para traduzir bem. Quem traduz “um agregado” por “a friend of the family” (o caso da tradução de Scott-Buccluch) destrói a tessitura de *Dom Casmurro*, num golpe só. Num ensaio que escrevi sobre a tradução de Machado, citei Paul Ricoeur, que diz o seguinte num ensaio “Sobre a tradução”: “a tarefa do tradutor não vai da palavra à frase, ao texto como um todo, e daí ao totalidade cultural, mas ao inverso: impregnando-se por vastas leituras do espírito de uma cultura, o tradutor desce de novo do texto, à frase, e à palavra.” Acho uma afirmação sensata.

Recebido em: 30/10/2013. Aceito em: 30/10/2013.